

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Biociências

Manuella Mattos dos Santos

Os espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto
Alegre:
O apoio mútuo como base da inteligência coletiva

Porto Alegre
2016

Manuella Mattos dos Santos

Os espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto

Alegre:

O apoio mútuo como base da inteligência coletiva

Trabalho de conclusão de curso apresentado no formato de artigo à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a graduação no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Prof^o Orientador: Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2016

OS ESPAÇOS VIRTUAIS MOVENTES DAS ESCOLAS OCUPADAS DE PORTO

ALEGRE:

O apoio mútuo como base da inteligência coletiva

Manuella Mattos dos Santos¹ e Luciano Bedin da Costa²

1. Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto de Biociências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
2. Docente da Faculdade de Educação/FACED – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

RESUMO

O artigo analisa o movimento de ocupação escolar a partir dos espaços virtuais. No período de maio a junho de 2016 foram ocupadas 41 escolas estaduais em Porto Alegre. O movimento é uma maneira de resistir ao sucateamento e desvalorização da educação pública por parte do Estado. Os estudantes se organizam em coletivos nas ocupações e buscam apoio na sociedade, sendo que 40 das escolas utilizaram o Facebook como ferramenta de comunicação, nas quais divulgam e informam suas atividades. Para dimensionar o uso das redes neste movimento são coletados os dados das páginas virtuais destas ocupações. As publicações apresentam uma variedade de informações, com suas respectivas quantias de “curtidas” e compartilhamentos de acordo com o número de publicações. Os espaços virtuais possuem um caráter multiplicador, capaz de propagar as informações aos frequentadores destas redes, de maneira rápida e direta. Essas formas de comunicação possibilitam relações que valorizam as diferentes manifestações de saberes. A inteligência coletiva existente nestes espaços reinventam as relações e as formas de aprendizagem. Nestas páginas os estudantes atuam de acordo com suas próprias demandas, construindo relações horizontais com a comunidade virtual, que por meio de compartilhamentos e interações, colaboram com a manutenção das ocupações. As trocas de conhecimento são mantidas pelas relações de apoio bilateral, mútuo. Uma vez estabelecidas, estas relações alteram os territórios conhecidos, ultrapassando barreiras e limites geográficos.

Palavras-chave: Ocupação Escolar. Ciberespaço. Coletivos Inteligentes.

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso, escrito sob a forma de um artigo¹, pretende fazer uma análise das ocupações das escolas estaduais de Porto Alegre, iniciadas em maio de 2016, tendo como foco os movimentos operados no espaço virtual. Entre as 41 escolas estaduais de

¹: O presente artigo foi submetido para edição do dossiê “(Des)ocupar é resistir?”, da Revista Educação Temática Digital – ETD, da Unicamp.

Porto Alegre que foram ocupadas, 40 delas criaram páginas virtuais administradas pelos estudantes, sendo que apenas uma não utilizou o Facebook como canal de comunicação. Com isto foi realizado um mapeamento das publicações destas páginas, durante o período de 11 de maio a 24 de junho de 2016, marcado pelo aviso de início e fim das ocupações. Esta análise foi feita a partir de autores que problematizam a temática dos espaços virtuais, como Manuel Castells que trata as redes sociais como um território capaz de ampliar relações e redimensionar as distâncias, Pierre Levy que discute as relações nos espaços virtuais e desenvolve a ideia de uma inteligência coletiva que valoriza diferentes saberes e, Piotr Kropotkin, que evidencia a importância do apoio mútuo nas relações sociais. A partir destas referências busca-se pensar os movimentos de produção de uma inteligência virtual coletiva que, sustentadas por uma concepção de apoio mútuo, fortalece o movimento e sua respectiva viralização social.

Em maio de 2016, estudantes secundaristas ocuparam dezenas de escolas do estado do Rio Grande do Sul, sendo 41 delas na cidade de Porto Alegre. O movimento social de ocupação surge como uma forma de resistência e manifestação por uma educação pública de qualidade. Em meio a projetos de lei como a PL 44/16² e a PL190/15³, que propõe retrocessos nas políticas escolares, secundaristas das escolas públicas decidem manifestar-se contra o crescente sucateamento da educação e dos espaços escolares. Diante de tal cenário, estes estudantes ocupam as suas escolas, por cerca de 35 dias, reivindicando mudanças em diferentes aspectos da educação atual.

Em uma carta aberta aos estudantes secundaristas de São Paulo, Pelbart (2016) escreve sobre o movimento estudantil:

Em meio a reivindicações muito concretas, muitos outros desejos se deixam expressar na dinâmica do próprio movimento. Falamos de um desejo coletivo, onde se tem prazer em ocupar coletivamente um espaço, em cruzar a diversidade de vozes e corpos, sexos e tipos, e apreender um “comum” que tem a ver com as redes, com as redes sociais, com a conexão produtiva entre os circuitos vários, com a inteligência coletiva [...] - algo de irreversível se deslocou no corpo, no afeto, na imaginação, na compreensão dos estudantes, mas também dos seus pais, dos professores, das suas famílias, na comunidade, na cidade. A horizontalidade nas ocupações e nas manifestações dramatizaram uma outra geografia da conflitualidade. (PELBART, 2016, p.5-6)

² PL 44/16: Qualifica entidades privadas sem fins lucrativas como “Organizações Sociais”, que em parceria com o Poder Público, podem atuar em espaços públicos, como escolas.

³ 3. PL 190/15: Institui o Programa “Escola sem Partido” nas escolas públicas ou privadas. O programa, liderado por religiosos, considera que professores são doutrinadores políticos e assim o projeto de lei pretende proibir discussões críticas em salas de aulas.

O movimento de ocupação exige determinação e organização, pois necessita de um grupo unificado que se mantenha permanentemente na estrutura física nas escolas, como forma de manifestação. Como qualquer movimento social, os manifestantes buscam dialogar com a sociedade para esclarecer os motivos de seus atos, até mesmo para evitar possíveis represálias. Atualmente, os meios virtuais são bastante utilizados como espaços de comunicação. Os coletivos das ocupações das escolas de Porto Alegre, em sua maioria, criaram páginas nas redes sociais, sendo o Facebook o principal meio de comunicação e divulgação alternativa. Os próprios estudantes são os agentes ativos da transmissão de informação à comunidade presente nestes meios virtuais. Nestes espaços, abertos a diferentes públicos, é comum a unificação de grupos de interesse, rompendo as barreiras de distanciamento social e espacial. “O deslocamento da comunidade para a rede virtual é uma forma decisiva de organizar a interação” (CASTELLS, 2003, p. 106).

Castells (2013) enfatiza a importância do espaço virtual como iniciador de movimentos sociais no espaço urbano. As conectividades em redes virtuais atuam como meios de comunicação ativos, que abrangem uma grande diversidade de pessoas, e colaboram com a integração entre os indivíduos. Uma vez formados, os grupos que interagem a partir do ciberespaço passam a existir também nos espaços urbanos. Os espaços virtuais auxiliam na dinâmica dos movimentos sociais, pois permitem que os membros tenham acesso a informações independentemente do local em que estejam. Aqui, os acontecimentos são diretamente relatados por quem os vivenciou, aproximando as realidades com quem não está necessariamente envolvido no movimento. “Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos poucos, alterna também as formas de participação social” (SAKAMOTO, 2013, p. 95).

O movimento dos estudantes constitui-se por um coletivo presente na ocupação das instituições escolares, bem como no espaço virtual, “um espaço invisível de conhecimentos, saberes, potências de pensamento em que brotam e se transformam qualidades do ser, maneiras de constituir sociedade” (LEVY, 2000, p. 15). “Esse híbrido de cibernética e espaço urbano constitui um terceiro espaço, o espaço da autonomia, porque nele se pode garantir independência pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação” (CASTELLS, 2013, p. 160). Por meio de publicações nas redes sociais, toda a comunidade virtual interage diretamente com os estudantes.

A noção geográfica proposta pelos espaços virtuais pode ser observada como uma possibilidade de reestruturação do espaço urbano, com a quebra das fronteiras espaciais. Os coletivos das redes sociais das ocupações permitem que pessoas, em qualquer localidade, tenham acesso a informações que acontecem em um local específico da cidade. Os deslocamentos nos espaços físicos muitas vezes podem ocorrer em decorrência de movimentos iniciais nos espaços virtuais. Castells (2013) afirma que os movimentos no ciberespaço ao mesmo tempo em que são locais podem também se conectar com o mundo inteiro, pelo caráter de viralização das informações nesses espaços. As redes sociais se caracterizam como ferramenta de comunicação, aceitação e fortalecimento de movimentos sociais.

Coletivos inteligentes no ciberespaço

“A inteligência do todo não resulta mais de atos automáticos, pois é o pensamento das pessoas que inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade” (LEVY, 2000, p.31). A comunidade construída no espaço virtual estabelece redes de laços sociais por meio de suas interações que, ricas em diversidades de expressões, possibilitam contato com novas experiências. Assim renovam-se as formas de pensar.

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato de comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. (CASTELLS, 2013, p.11).

Levy (2000) utiliza o termo inteligência coletiva para determinar os aprendizados que acontecem através das trocas de informações. Uma inteligência distribuída por toda parte, constantemente renovada, e que por isso se desenvolveria através do espaço virtual, o qual permite esse grande fluxo de informações. O ciberespaço define que a comunicação não se faz necessariamente em presença física, e por isso ela é capaz de atravessar os espaços físicos. Essa inteligência é movente, está em constante desenvolvimento, pois é relativa à interatividade dos sujeitos que compõem o espaço virtual. O coletivo inteligente estabelece relações horizontais, nas quais as especificidades de cada indivíduo são valorizadas e respeitadas. Ao invés de relações de saber unilaterais, há relações multidirecionais, onde as informações circulam entre os indivíduos, de modo a formar grandes redes de saberes. Assim, a inteligência coletiva parte do princípio que todos sabem algo, e por isso todas as diversidades de conhecimento merecem reconhecimento e devem ser partilhadas. Segundo o autor, essa inteligência renova as estruturas

de aprendizado, pois rompe com padrões de ensino, como a própria hierarquização de relações na educação. Não existem saberes maiores e melhores que outros.

A participação coletiva propõe novas formas de organização social, que resulta em membros envolvidos na construção constante de um grupo unificado. Por não haver um centro de comando, os sujeitos estruturam-se de modo que todos possuem responsabilidades pela manutenção da criação coletiva. “Em um coletivo inteligente a comunidade assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um. Nada é fixo, pois os atos são coordenados e avaliados em tempo real” (LEVY, 2000, p. 31). É característico dos coletivos de movimentos sociais uma reflexão constante sobre o que pretendem realizar, como grupo e como indivíduos, que tipo de democracia e realidade pretendem questionar e alcançar (CASTELLS, 2013).

A manifestação de expressões singulares nos espaços cibernéticos coletivos potencializam novas formas de aprendizado. “Interagindo com diversas comunidades, os indivíduos que animam este Espaço do saber, longe de serem os membros intercambiáveis de castas imutáveis, são ao mesmo tempo específicos, múltiplos, nômades e em vias de transformações permanentes” (LEVY, 2000, p. 31). O fluxo de diferentes informações permite o contato com novas realidades que, de maneira dinâmica, interage com os indivíduos, proporcionando reflexões únicas, que só ocorrem por meio da inteligência coletiva. O aprendizado recíproco e a sinergia de competências reinventam o laço social nesses espaços do saber dos coletivos inteligentes. Esta inteligência deve ser compreendida como na expressão “trabalhar em comum acordo” (LEVY, 2000, p. 26).

Apoio Mútuo nas redes

Kropotkin (2009) compara sociedades ao longo da história da humanidade para elucidar que a sociabilidade é um fator extremamente importante para a sobrevivência de diferentes grupos. Em inúmeras comunidades, indivíduos atuam em cooperação uns com os outros, com intuito de se fortalecer a garantir melhorias em suas vidas. O apoio mútuo baseia-se nessa relação colaborativa. Os sujeitos se fortalecem contribuindo com o fortalecimento do outro, assim como os demais constituintes da comunidade também o ajudarão. Em grupos sociais que compartilham interesses comuns, observa-se uma intensa rede de cooperação e fortalecimento do grupo.

O apoio mútuo acontece principalmente em relações em que as pessoas compartilham algo em comum. Nos movimentos sociais há um envolvimento e uma luta comum por algum ideal ou conquista de direitos. Enquanto uma parte da sociedade costuma considerar os movimentos sociais como intimidadores, “os homens que vivem entre grevistas falam com admiração da ajuda do apoio mútuo praticado entre eles” (KROPOTKIN, 2009, p. 211). Atualmente, com os avanços tecnológicos, estes coletivos de luta, como o das ocupações, utilizam os espaços virtuais para fortalecer suas redes de apoio, criando uma comunidade unida pela aceitação dos saberes.

As comunidades virtuais priorizam a interação social, a aprendizagem colaborativa e o trabalho cooperativo. Nesta perspectiva, a própria comunidade se legitima, por constituir-se a partir de afinidades de interesses, de conhecimentos, de projetos mútuos e valores de troca, estabelecidos no processo de cooperação. (MUSSOI, 2007, p. 6)

Lévy (2000) observa que as relações nas comunidades do ciberespaço afirmam-se pela colaboração mútua. A constante diversidade de informações disponíveis, estimulam os indivíduos a aprender com os saberes dos indivíduos que se manifestam nestes espaços. O intercâmbio voluntário acontece pela noção de reciprocidade dos participantes da comunidade virtual. Elos de colaboração e solidariedade são mantidos pelas características de respeito e multidimensionalidade das ações dentro de uma inteligência coletiva. As redes horizontais, multimodais, tanto na internet quanto no espaço urbano, criam relações de união. Essa é uma questão fundamental para os movimento sociais, pois relações de companheirismo incentivam os indivíduos a atuarem em conjunto e acreditar na construção coletiva (CASTELLS, 2013).

“Vivendo de invenção coletiva, de transmissão, de interpretação e de partilha, o conhecimento é um dos lugares em que a solidariedade entre os homens pode ter mais sentido, um dos elos mais fortes entre os membros de nossa espécie” (LEVY, AUTHIER, 1995, p. 25). Por meio da comunicação e da transmissão de saberes acontecem os aprendizados. Nas páginas virtuais das comunidades das ocupações esses aprendizados desconstruem barreiras geográficas e permitem o conhecimento de novas realidades. Esses intercâmbios fortalecem os laços e a ideia de interdependência, pois os indivíduos reconhecem as competências dos integrantes deste coletivo inteligente.

O contexto das escolas ocupadas de Porto Alegre

A cidade de porto alegre, no rio grande do sul, comporta uma população de 1.481.019 habitantes (IBGE, 2016), abrangendo uma rede de ensino com 258 escolas estaduais, nas quais 71 contemplam o ensino médio. Já a rede de escolas municipais se constitui de 96 escolas, sendo a maioria de ensino infantil e fundamental e somente 2 de ensino médio (INEP, 2015). De

acordo com o Mapa das Regiões de Porto Alegre⁴, há uma subdivisão da cidade em 17 macrozonas, conforme a proposta do Orçamento Participativo, organizado pela Prefeitura. O objetivo destas divisões é que cada zona, contando com a participação dos cidadãos, possa pensar em soluções e investimentos específicos de cada localidade, de acordo com suas prioridades (FEDOZZI, 1998). Dentro das temáticas propostas para discussão e investimento estão a educação e a cultura.

No contexto de mudanças políticas, o movimento estudantil de ocupação do espaço escolar surge como uma apropriação do espaço pertencente a todos indivíduos que compõem essa instituição, como os estudantes, docentes e funcionários. O movimento em Porto Alegre surge logo após as ocupações das escolas estaduais de São Paulo, organizado pelos secundaristas o final de 2015. Em São Paulo, os estudantes reagiram contra o plano de reorganização do governo, que tinha por objetivo fechar 94 escolas, realocando estudantes (CAMPOS; MEDEIROS; RIBEIRO, 2016). Em Porto Alegre, os secundaristas também ocupam suas escolas como forma de pressionar o governo a atender as demandas para uma educação pública, gratuita, de qualidade.

Com base nesses acontecimentos, a pesquisa busca perceber como esses espaços virtuais são utilizados pelos estudantes que ocupam as escolas, observando os conteúdos publicados nas páginas das ocupações e a repercussão entre a comunidade do ciberespaço. A motivação maior frente ao trabalho realizado refere-se à valorização das iniciativas estudantis, que tecem novas relações nos espaços escolares. A partir dessa realidade, busca-se observar a dinâmica das relações sociais nos espaços virtuais, e como proporcionam as construções coletivas a partir das manifestações dos saberes. Assim, a reflexão crítica sobre as informações compartilhadas por estes estudantes para a sociedade, de maneira direta e horizontal, por meio das redes sociais é uma forma de reforçar a necessidade na reconstrução das formas de aprendizado, com a renovação da participação escolar, que dê voz aos estudantes e estimule a construção coletiva de conhecimentos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho exploratório, baseia-se na análise quali-quantitativa dos dados obtidos. A pesquisa qualitativa correlaciona uma diversidade de aspectos dos materiais

⁴Mapa das regiões do Orçamento Participativo 2016/2017. Disponível em: http://observapoa.com.br/default.php?p_secao=46. Acesso em 07 de novembro de 2016

analisados, abrangendo as dinâmicas das relações, enquanto os aspectos quantitativos apontam dados mensuráveis que representam frequências encontradas no estudo. Para isso foram registrados e analisados os conteúdos das 40 páginas criadas pelas escolas ocupadas no Facebook. Esta rede social virtual é de acesso público, portanto toda informação que existe neste espaço é livre para ser utilizada em pesquisas. Esse material, na forma de registros virtuais públicos, são utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos para elucidar determinadas questões (FIGUEIREDO, 2007).

Os dados foram coletados do dia 11 de maio até o dia 24 de junho de 2016. Esse período tem início com a data de criação das páginas de cada ocupação até o indício de finalização do movimento. A duração do movimento de ocupação varia entre as escolas, sendo este prazo representado pela data de criação da primeira página, no dia 11 de maio, até o dia 24 de junho, data da última escola que publicou o aviso de desocupação.

Durante a pesquisa foram selecionados os números de pessoas que acompanhavam as páginas por meio da contabilização de “curtidas” (*likes*, termo original do Facebook) de cada página das ocupações. Para cada página foram contabilizados os números de publicações feitas pelos estudantes, com o respectivo número de “curtidas” e compartilhamentos de cada publicação. As páginas podem ser visualizadas e compartilhadas por qualquer pessoa da comunidade virtual, portanto os dados envolvem a comunidade que teve acesso a estas páginas no Facebook. A partir de um primeiro olhar, mais amplo, lançado para os conteúdos publicados, foram criadas categorias de acordo com o caráter e intuito das publicações feitas pelos estudantes responsáveis pelas páginas das ocupações.

Ficaram subdivididas as publicações em:

- 1) Comunicados: Publicações informativas, que noticiam e esclarecem acontecimentos;
- 2) Organizações do coletivo das ocupações: Avisos de reuniões, mutirões de limpeza, alimentação, produção de cartazes;
- 3) Oficinas: Convites à comunidade para participar das atividades, pedidos de pessoas dispostas a ministrar oficinas e divulgação fotográfica das oficinas que aconteceram;
- 4) Doações de materiais: Alimentos, roupas, cobertores, materiais de artes – canetas, cartolinas, etc.;
- 5) Apoio: Compartilhamento de notas de instituições que apoiam as ocupações, além de notas dos estudantes apoiando outros movimentos sociais;

- 6) Relações entre as escolas ocupadas: Todas publicações que mostram conteúdos compartilhados entre as escolas, doações de alimentos e relatos de visitas entre as ocupações;
- 7) Outros: Publicações não relacionadas com as categorias anteriores, que não possuem relação com o movimento de ocupação.

Para ilustrar os dados obtidos, foi criada uma tabela que alinha cada categoria com suas respectivas quantias de publicações, “curtidas” e compartilhamentos. Com os elementos da tabela, foram elaborados três gráficos que contemplam cada um destes três dados numéricos. Cada gráfico revela as proporções de publicações, “curtidas” e compartilhamentos entre as categorias. Para ilustrar a dimensão do movimento, no mapa das macrozonas de Porto Alegre foram inseridos os pontos de localização de todas as escolas ocupadas que tinham páginas no Facebook. A partir das informações da categoria “relações entre escolas” foram registradas neste mapa todas as relações entre as ocupações que se estabeleceram a partir das redes virtuais.

RESULTADOS

No período de maio a junho de 2016, foram ocupadas 41 escolas estaduais de Porto Alegre (dados disponíveis na página Ocupa Tudo RS⁵), sendo que a maioria destas escolas possuem Ensino Fundamental e Médio. Destas, 40 escolas criaram páginas no Facebook, e somente uma escola, a EEEM Santos Dumont, localizada na zona sul de Porto Alegre, não criou página nesta rede social e, portanto, não foi analisada.

As publicações no Facebook demonstram que a maioria dos coletivos das escolas ocupadas deixa claro que o movimento é estudantil, mas conta a participação de todos que estiverem interessados em colaborar. Em 9 escolas ocupadas, aparecem mães e pais envolvidos nas atividades diárias, em publicações que mostram o coletivo organizando o espaço da ocupação. Há também 11 publicações que indicam, por parte dos alunos, o apoio e participação dos professores. Esse apoio é registrado em publicações textuais, com uma maioria acrescidas de fotografias. Desta maneira percebe-se que o coletivo é constituído por estudantes e que alguns movimentos evidenciam a participação e colaboração da comunidade envolvida.

A ocupação do espaço público necessita da presença física dos representantes do movimento, o que limita a mobilização e a comunicação com a sociedade. Este modelo de

⁵ Durante o período das ocupações, a página era utilizada para disponibilizar informações gerais sobre todas as ocupações no estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupatudobr/?fref=ts#>. Publicado em 17 de maio de 2016. Acesso em 5 de julho de 2015.

manifesto conta com uma parcela de resistência por parte do Estado e até mesmo de alguns cidadãos, que não aceitam a legitimidade do movimento, fazendo-se necessário um cuidado e vigilância permanente por parte dos participantes. A fim de facilitar esta comunicação e estimular a participação da sociedade, os estudantes envolvidos na ocupação criam páginas nos meios de comunicação virtual. Nas categorias de publicação apresentadas observa-se uma variedade de temáticas, que exaltam a maneira na qual os estudantes destas ocupações interagem com a comunidade virtual. Cada categoria apresenta um determinado número de publicações sobre o assunto, e cada publicação tem um número de pessoas que “curtiram” e/ou compartilharam o conteúdo (Tabela 1). Os valores apresentados em cada categoria representam a totalidade das publicações em todas as 40 escolas ocupadas.

Dados preliminares

Foram encontrados um total de 2.457 publicações entre as 40 páginas, tendo uma média de 62 postagens por escola ocupada. A ocupação com maior número de publicações (200) foi a do Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Já o número total de “curtidas” das publicações corresponde a 131.824, média de 54 “curtidas” por publicação, e um total de 21.194 compartilhamentos, com uma média de 9 compartilhamentos por publicação. Vale ressaltar que cada pessoa que acessa o conteúdo pode “curtir” e compartilhar somente uma vez cada publicação feita pela página. Os índices referentes à cada categoria encontram-se na tabela abaixo.

TABELA 1

Dados quantificados de publicações, “curtidas” e compartilhamentos das páginas das escolas ocupadas de Porto Alegre.

Categorias	Nº publicações	Nº curtidas	Nº compartilhamentos
Oficinas	803	33234	2714
Organização	647	40169	6776
Comunicados	517	42070	9541
Doações	170	6742	1520
Relações entre escolas	128	4606	233
Apoio	105	4871	371
Outros	8	132	39

Fonte: Dados da pesquisa.

As páginas das ocupações apresentam variedades no conteúdo publicado. Essa diversidade pode ser observada nos índices de publicações a cada diferente categoria, conforme

a Figura 1. É possível perceber que algumas publicações dominam nestes espaços, como a categoria das oficinas, organização do coletivo e de comunicados, pois aparecem com maior frequência em relação aos outros assuntos. A categoria “Outros”, por exemplo, representada por publicações aleatórias que não possuíam relação com as ocupações, apresentou índices pouco significativos e, por isso não foi incluída nos gráficos.

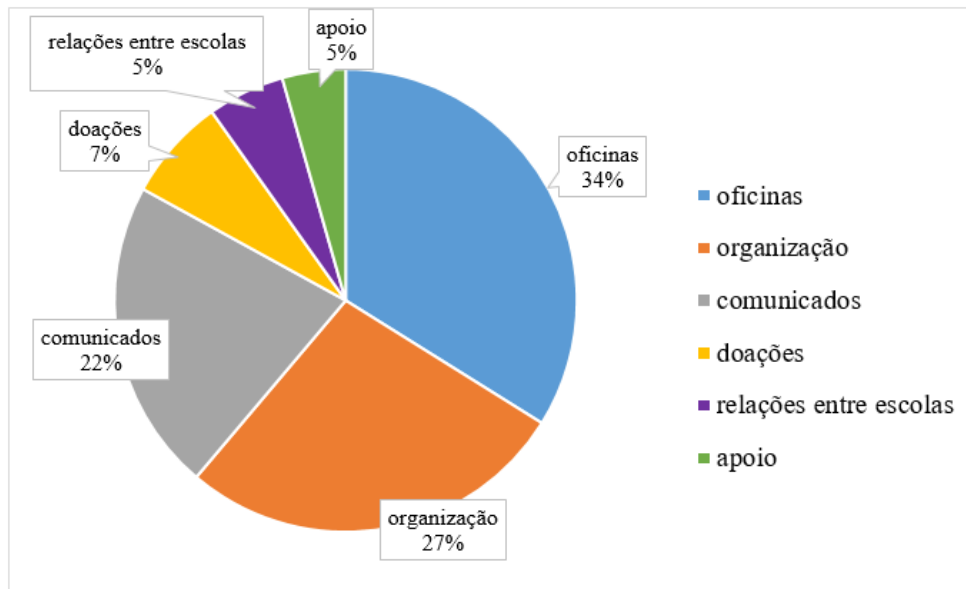


Figura 1: Gráfico de publicações por categoria apresentada nas páginas das ocupações.
Fonte: Dados da pesquisa.

O Facebook, enquanto ferramenta de comunicação, apresenta um recurso para reagir aos conteúdos publicados, o *like*, traduzido para o português como “curtida”. A partir desta ferramenta podemos contabilizar a repercussão das informações divulgadas pelas escolas ocupadas na rede social. Esses índices demonstram o interesse da comunidade virtual no que está sendo produzido pelos estudantes das ocupações. Embora o maior número de publicações se refira às oficinas (803), isto não se traduz em termos do número de “curtidas” e compartilhamentos. O item ‘informativos’, responsável por 517 publicações (3º na lista) é o maior responsável pelo número de “curtidas” e compartilhamentos, seguida das publicações sobre a organização dentro das ocupações.

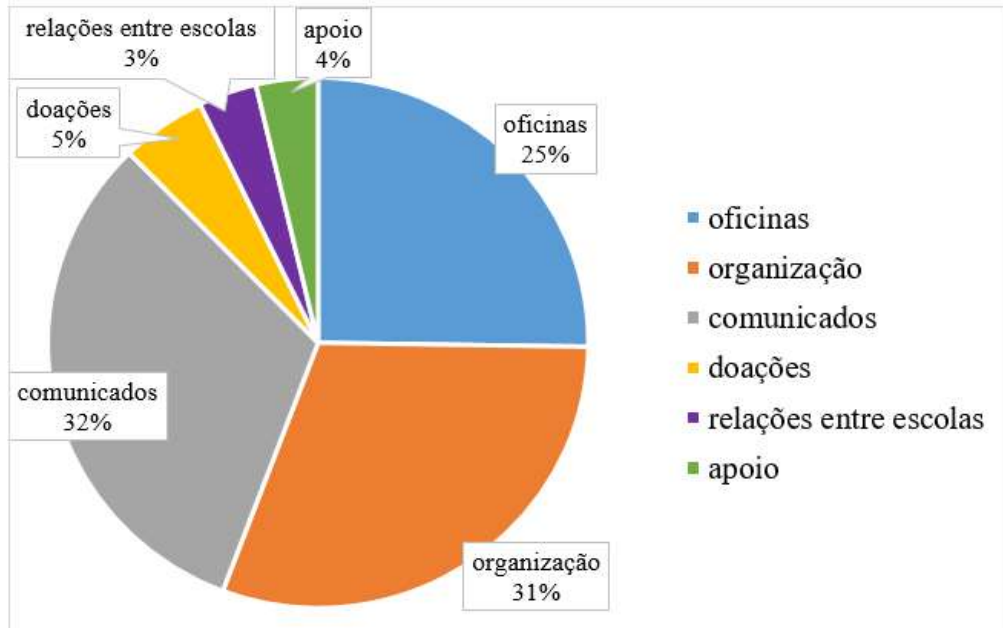


Figura 2: Gráfico de “curtidas” por categoria de publicação das páginas das ocupações.
Fonte: Dados da pesquisa.

Outro recurso disponível nesta rede social é o compartilhamento de publicações. Os sujeitos do espaço virtual podem compartilhar qualquer postagem de uma página. Isso garante que mais pessoas possam visualizar as publicações das páginas. No caso das ocupações, observamos um número bastante expressivo de compartilhamentos (Figura 3), que pode ser observado como um indicador da formação de redes de apoio virtual, que permite a disseminação de informações por parte da comunidade externa às ocupações.

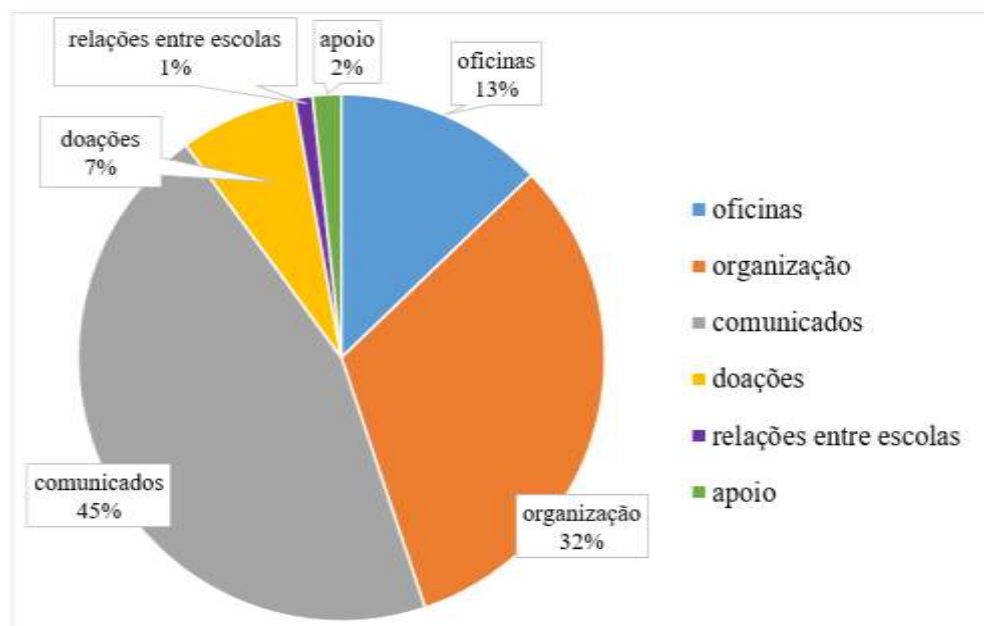


Figura 3: Gráfico de compartilhamentos por categoria de publicação das páginas das ocupações.
Fonte: Dados da pesquisa.

Oficinas

O movimento de ocupação implica a paralisação das atividades escolares, não havendo aulas neste período, com o intuito de pressionar o governo para que sejam atendidas as reivindicações. Como não há aulas, os envolvidos na ocupação buscam oferecer atividades para que todos os estudantes das escolas possam participar. Estas atividades são denominadas de oficinas, que possuem uma conotação de elaboração, construção e aprendizado coletivo (BETANCOURT, 1991), portanto esta categoria agrupa todas as publicações que envolvem as oficinas que aconteceram durante as ocupações. É interessante perceber que nas ocupações há espaço para as manifestações dos desejos de diferentes assuntos pois os estudantes não estão limitados ao conteúdo disponibilizado pelo professor.

Nas ocupações, os coletivos buscam pessoas que possam apresentar propostas de seus interesses, e isto é visível nas publicações em que pedem por pessoas interessadas em ir às escolas e compartilhar experiências e saberes. “O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados” (LEVY, 1999, p.158). As pessoas que passam a frequentar estes espaços escolares representam uma diversidade de realidades. O espaço escolar se reestrutura a partir do espaço virtual, pois é por uma comunicação inicial pelo Facebook que as pessoas passam a conhecer e a encontrar essas ocupações nos espaços urbanos (CASTELLS, 2013). As oficinas são abertas à comunidade urbana e virtual, e por meio do ciberespaço é que são feitos os convites e as atualizações de datas e horários em que serão realizadas.

A valorização de diversos saberes, característica da inteligência coletiva descrita por Levy (2000), é o que caracteriza o movimento virtual e permite que diversos elementos culturais sejam levados aos espaços escolares. Nas publicações que divulgam as oficinas, aparecem temáticas de música, teatro, yoga, dança, hortas, conversas, debates sobre gênero e questões raciais. Nesta categoria aparecem muitas publicações de fotos e vídeos, como modo de divulgação mais real, que aproxima a realidade de dentro das ocupações. Também pode ser considerada uma maneira de demonstrar para a sociedade que eles estão interessados em fazer atividades e compartilhar elas com a comunidade.

As oficinas tiveram o maior número de publicações, ainda que o número de “curtidas” e compartilhamentos seja menor que o de outras categorias (Tabela 1). Os comunicados tiveram de 3 a 4 vezes mais compartilhamentos do que as oficinas, assim como a categoria das

organizações do coletivo, com um número maior de “curtidas” (40169) e compartilhamentos (6776). Com base nos dados, é possível pensar que os estudantes têm mais interesses por estas atividades do que a comunidade virtual. Os indivíduos que acessam estas páginas parecem estar mais interessados em receber as informações do coletivo do que participar das atividades propostas nos espaços escolares. Isso indica o interesse dos estudantes em divulgar estas oportunidades de aprendizados oferecidas nas oficinas, incentivando a participação da comunidade virtual no espaço escolar. Há um reconhecimento por parte do coletivo que ocupa em relação às pessoas que oferecem as oficinas, tanto que em algumas páginas são escritos agradecimentos para estas pessoas. Aqui evidencia-se a noção de apoio mútuo, pois ao dedicarem seu tempo e empenho em desenvolver atividades nestes espaços de ocupação, os ministrantes das oficinas apoiam um movimento no qual acreditam e recebem apoio por parte dos estudantes, na forma de agradecimento e divulgação das habilidades e competências destas pessoas. Essas doações voluntárias de tempo, dedicação e experiências geram por si o estímulo de retribuição, o que caracteriza as relações bilaterais (KROPOTKIN, 2009).

Informativos

Esta categoria engloba todas as publicações que o intuito de informar as pessoas da comunidade virtual. Aparecem aqui esclarecimentos sobre os motivos das ocupações, avisos sobre últimas decisões feitas em assembleias, avisos de reuniões abertas a toda a comunidade, com intuito de explicar pessoalmente as reivindicações do movimento. Em 22 das páginas, as publicações com mais visibilidade dentro desta categoria são as que explicam os motivos da ocupação para a comunidade virtual, como expresso no fragmento de texto abaixo, retirado de uma das páginas:

Desejamos não apenas melhorar a estrutura física de nossa escola, mas melhorar a educação como um todo para que as próximas gerações formadas em escolas estaduais não tenham que se preocupar se haverá ou não aula porque a escola não tem luz, porque as salas não estão em condições de uso ou até mesmo, se preocupar se ainda terão direito à educação pública e gratuita. [...] E não nos basta que a educação seja pública e gratuita, queremos uma educação de qualidade. Queremos que as escolas não só ensinem o necessário para o vestibular, mas que a escola forme pessoas que transformarão o mundo. Queremos que nossos professores tenham liberdade para nos ensinar política, gênero e sexualidade. Queremos desenvolver o senso crítico, e manifestá-lo, sem ter medo de sermos reprimidos ou repreendidos pelo próprio estado. Queremos que a educação cumpra seu papel libertador e promova mudanças na estrutura de cada um de nós e da sociedade. Por isso ocupamos. Porque queremos mudanças.⁶

⁶ Texto retirado da página da Ocupação Padre Réus. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupa.padreco/>. Publicado em 16 de maio de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

“Por trás dos textos publicados estão as multiplicidades. No ciberespaço, o saber não deve ser visto como algo abstrato, mas algo visível, que exprime uma população” (LEVY, 1999, p.162). A argumentação e a consequente capacidade de escutar o outro são os elementos primordiais para a construção coletiva das relações e das maneiras de conhecer e aprender. Nas próprias páginas, os estudantes buscam enfatizar que não estão nas escolas para vandalizar, mas sim para exigir melhorias na educação.

Somos estudantes da escola indignados e preocupados com a vida e estudo de todos os alunos que estão aqui e passarão por aqui [...]. Pra quem diz que estamos aqui para matar aula, venha até a escola e veja com os próprios olhos o estado do nosso colégio [...] veja que o que estamos fazendo é reivindicar nossos direitos, nada mais que isso.⁷

Desta maneira, as pessoas podem compartilhar esses comunicados e fazer com que mais pessoas visualizem estes recados dados pelos estudantes. A categoria de informativos foi a terceira maior em número de publicações, mas teve o maior número de conteúdos divulgados. O número total de compartilhamentos, entre todas as publicações desta categoria, foi de 9541 (Figura 3). Isso significa que cada um desses compartilhamentos foi publicado por uma pessoa, que tornou este conteúdo acessível para toda sua rede de amigos. Isso fomenta a ideia de que nas redes sociais as formas de interação, de trocas e valorização de conhecimento se reinventam. Os espaços virtuais formam redes de conexão, que conectam não só pessoas, mas realidades, ideias e significados. Estas páginas possuem um caráter multiplicador, pois aumentam a repercussão dos fatos ocorridos no momento em que qualquer pessoa compartilha as informações publicadas. Os sujeitos da ocupação possuem uma conexão direta com as pessoas que acessam suas páginas, e assim as informações se multiplicam, a cada pessoa que compartilha um conteúdo, outras pessoas de diferentes regiões geográficas e sociais, vão ter acesso a estas informações (CASTELLS, 2003).

Novas reflexões surgem, com o reconhecimento da opinião e dos relatos de quem está vivenciando as ocupações. Esses conhecimentos construídos em tempo real, a partir destas trocas no espaço virtual, constituem o que Levy (2000) conceitua como inteligência coletiva, única e distinta dos saberes individuais. Alguns dos coletivos das páginas explicam em suas publicações a importância da construção coletiva, convidando todos da comunidade virtual a

⁷Texto retirado da página da Ocupação Argentina. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaArgentina/?fref=ts>. Publicado em 31 de maio de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

participar da ocupação. A horizontalidade proposta por estes alunos valoriza as diversidades e estimula a participação social.

Nestas publicações estão incluídas as notas que esclarecem ataques feitos por pessoas contrárias às ocupações. Algumas das publicações relatam e esclarecem desentendimentos com a polícia militar, assim como dificuldades nos acordos com a direção da escola, que em muitos casos se opõe ao movimento. Desentendimentos que ocorrem dentro da ocupação, entre participantes também são esclarecidos nestas redes virtuais.

A diretora, em uma atitude antiética, começa a fazer ligações às mães e pais das/os alunas/os relatando o processo de tentativa de ocupação. Em uma das ligações, a diretora liga para a mãe de uma aluna ameaçando ligar para o Conselho Tutelar, dizendo que se a aluna continuasse lá a mãe perderia a guarda da filha. [...] Inicia-se uma discussão onde a diretora EXPÕE DE MANEIRA VIOLENTA E IRRESPONSÁVEL uma das alunas [...].⁸

Utilizada como meio de divulgação dos fatos, esta rede social se torna uma ferramenta importante para relatar casos de agressão aos estudantes.

Estávamos indo no mercado fazer compras para a janta da Ocupa Massot, quando fomos abordados e agredidos por dois policiais militares. Foram seis socos no nariz, três na boca e cinco nas genitais. Mais uma demonstração de abuso de poder.⁹

Os dois fragmentos de texto, em sua versão completa, estão acompanhados de vídeos e imagens para complementar a versão dos fatos. Ambos tiveram um grande destaque na repercussão, com 10867 “curtidas” e 706 compartilhamentos o caso das agressões físicas e morais por parte da polícia militar, e 1330 “curtidas” e 1080 compartilhamentos o informativo sobre a repressão por parte da direção da escola.

A inteligência coletiva se baseia em relações de respeito às diferenças, e de certa maneira é isto que proporciona que as relações sejam mais horizontais, com a necessidade constante de encontrar consensos e seguir atuando como uma unidade coletiva, que se organiza “de acordo com os objetivos ou contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva” (LEVY, 1999, p. 157). Publicações sobre reuniões, em sua maioria, aparecem como convite para qualquer pessoa interessada participar.

⁸ Texto retirado da página da Ocupação Infante. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupainfante/?fref=ts>. Publicado em 22 de maio de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

⁹ Texto retirado da página da Ocupação Massot. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ocupamassot/?fref=ts>. Publicado em 26 de maio de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

Com a divulgação das decisões das assembleias é possível observar como elas repercutem no espaço virtual. A construção coletiva a partir destas informações compartilhadas é o que desenvolve o pensamento crítico e permite que as ações sejam refletidas e constantemente reformuladas. “A interação e o retorno que os outros dão ajudam a determinar a exatidão e a pertinência das ideias” (PALLOFF e PRATT, 2002, p. 38). O grupo passa a desenvolver uma construção de conhecimentos e saberes que são renovados constantemente por meio do espaço virtual (LEVY, 2000).

Doações

A categoria de doações inclui todas publicações em que os alunos pedem principalmente doações de alimentos, mas também produtos de higiene, limpeza, cobertas, tintas e cartolinas para produção de faixas e cartazes. Apesar de não ter muitas publicações, possuem um número relevante de compartilhamentos, com uma média de 9 compartilhamentos por publicação, enquanto que a categoria das oficinas apresenta uma média de 3,4. Este número expressivo de compartilhamentos evidencia o potencial das redes sociais no fortalecimento das redes de colaboração de doações. A comunidade que se comunica virtualmente com estes estudantes das ocupações, utiliza o ciberespaço para obter informações, divulgá-las e colaborar com estes coletivos. Pessoas que possuem vínculos de amizade virtual com quem compartilha estes pedidos de doação também passam a ter acesso a estas publicações. Nesta categoria também aparecem os agradecimentos pelas doações feitas. A ideia de apoio mútuo, defendida por Kropotkin (2009), se manifesta nestas formas de auxílio entre comunidade virtual e estudantes das ocupações. Todos integrantes deste movimento se unem e colaboram entre si, como forma cooperar com uma luta na qual acreditam.

Organização do coletivo

O segundo maior número de publicações são as que mostram as atividades relativas às organizações dos coletivos que ocupam as escolas. Nesta categoria aparecem publicações do processo de ocupação, incluindo a organização necessária dentro destes espaços escolares para a manutenção da ocupação. Aqui encontram-se as publicações com registros fotográficos dos estudantes, os mutirões de limpeza que realizam, a elaboração de cartazes explicativos para pendurar na escola e outros momentos de vivências destes coletivos dentro das ocupações. Algumas páginas publicam fotos que mostram como estão sendo feitas as divisões de dormitórios, assim como a divulgação das refeições. Como os estudantes raramente saem das escolas, para evitar que o movimento se enfraqueça, eles passam praticamente o dia inteiro nas

ocupações. Assim, a maioria das refeições são feitas nos espaços escolares. Nas páginas aparecem registros dos estudantes e, por vezes, colaboradores cozinhando coletivamente.

Há um grande número de reações destas publicações, sendo a segunda categoria com maior número de “curtidas” e compartilhamentos. A maioria das fotos publicadas pelos participantes são registros da organização do movimento, pois realçam o envolvimento dos estudantes na ocupação. O número significativo de visualizações e compartilhamentos destas publicações demonstram a sensibilização causada na comunidade virtual.

Na página da escola ocupada EEEM Padre Rambo, alguns dos estudantes criaram um espaço para publicações de relatos das experiências dos estudantes durante a ocupação. Estes relatos, estão nas publicações finais da página, marcando o momento de reflexão dos aprendizados de cada aluno. Pelos relatos é possível observar que cada aluno escreve sobre seus aprendizados pessoais e também a importância dessa unificação criada entre os estudantes e que foi fortalecida por todos que os apoiaram. “No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizada pela noção de saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos abertos, contínuos, em fluxo, e não lineares” (LEVY, 1999, p.157). Essa capacidade de auto manifestação que as redes virtuais proporcionam para estes estudantes é muito importante para reestruturar as redes de aprendizados.

Certamente somos mais conscientes e racionais agora, aprendemos que quando não pensamos com a nossa própria cabeça alguém pensara por nós! Em 30 dias eu aprendi coisas que em 18 anos eu não tinha aprendido. Fiz muitos amigos e tenho certeza que vou levar muitas amizades de lá para a vida.¹⁰

Apoio

Estão incluídas na categoria todas publicações que os estudantes agradecem a colaboração dos diversos grupos envolvidos no movimento, como a nota de apoio emitida pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente - CEDICA/RS. Nestas publicações também agradecem mães, pais, professores e comunidades que apoiam o movimento.

Fizemos esta carta de agradecimento aqui na Page pra expressarmos nossa imensa GRATIDÃO aos coletivos e aos indivíduos que tem nos ajudado grandiosamente em nossa ocupação aqui da escola, como o coletivo TEM MULHERES NA HISTORIA

¹⁰ Texto retirado da página da Ocupação Padre Rambo. Disponível em: <https://www.facebook.com/Ocupa-Padre-Rambo-1736737649915903/?fref=ts>. Publicado em 20 de junho de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

DA UFRGS, COLETIVO VISÃO PERIFÉRICA, A VOZ DO MORRO RÁDIO COMUNITARIA, PAIS PROFESSORES E ALUNOS, PESSOAL DO CURSINHO DO ENEM [...] e a todos que intencionalmente ou não estão nos ajudando a construir a luta, pois a luta é nossa!¹¹

Outros movimentos como o comitê de apoio às ocupações, institutos de universidades e mídias alternativas prestam colaboração e são reconhecidos por estes estudantes. Em algumas das páginas os coletivos demonstram apoio à outros movimentos, como a greve dos professores.

Relações entre escolas

As ocupações mantem contato também pelos espaços virtuais. Observa-se em algumas páginas que as escolas ocupadas compartilham publicações entre si, como pedidos de apoio e divulgação das ocupações. Também aparece nesta categoria visitas que acontecem entre os estudantes de diferentes escolas ocupadas. Entre todas as publicações desta categoria se destaca uma maioria de publicações relacionadas ao movimento de ocupação das escolas de Porto Alegre (110). Aparecem também divulgações de ocupações em outras cidades do Rio Grande do Sul (8), bem como de páginas de escolas no estado do Ceará (4) e publicações relatando visitas de escolas não ocupadas nas ocupações de Porto Alegre (6).

O mapa apresentado (Figura 4) demarca a área da cidade de Porto Alegre, com os pontos de localização das escolas ocupadas. As áreas coloridas no mapa representam 17 macrorregiões propostas pelo Orçamento Participativo. No mapa é possível observar que as 40 escolas ocupadas se distribuem em 14 destas regiões. Segundo o Orçamento Participativo de 2016/2017¹², 6 regiões da cidade de Porto Alegre elegem a educação entre as quatro principais prioridades de investimento para a região, e 14 colocam a cultura nesta mesma lista. O acesso a estas páginas nos meios sociais permite reforçar as demandas destes estudantes secundaristas, que compõem a sociedade e demonstram, com o movimento de ocupação, estarem insatisfeitos com a atual educação pública oferecida.

¹¹ Texto retirado da página da Ocupação Alcides. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupaalcides/?fref=ts>. Publicado em 27 de maio de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

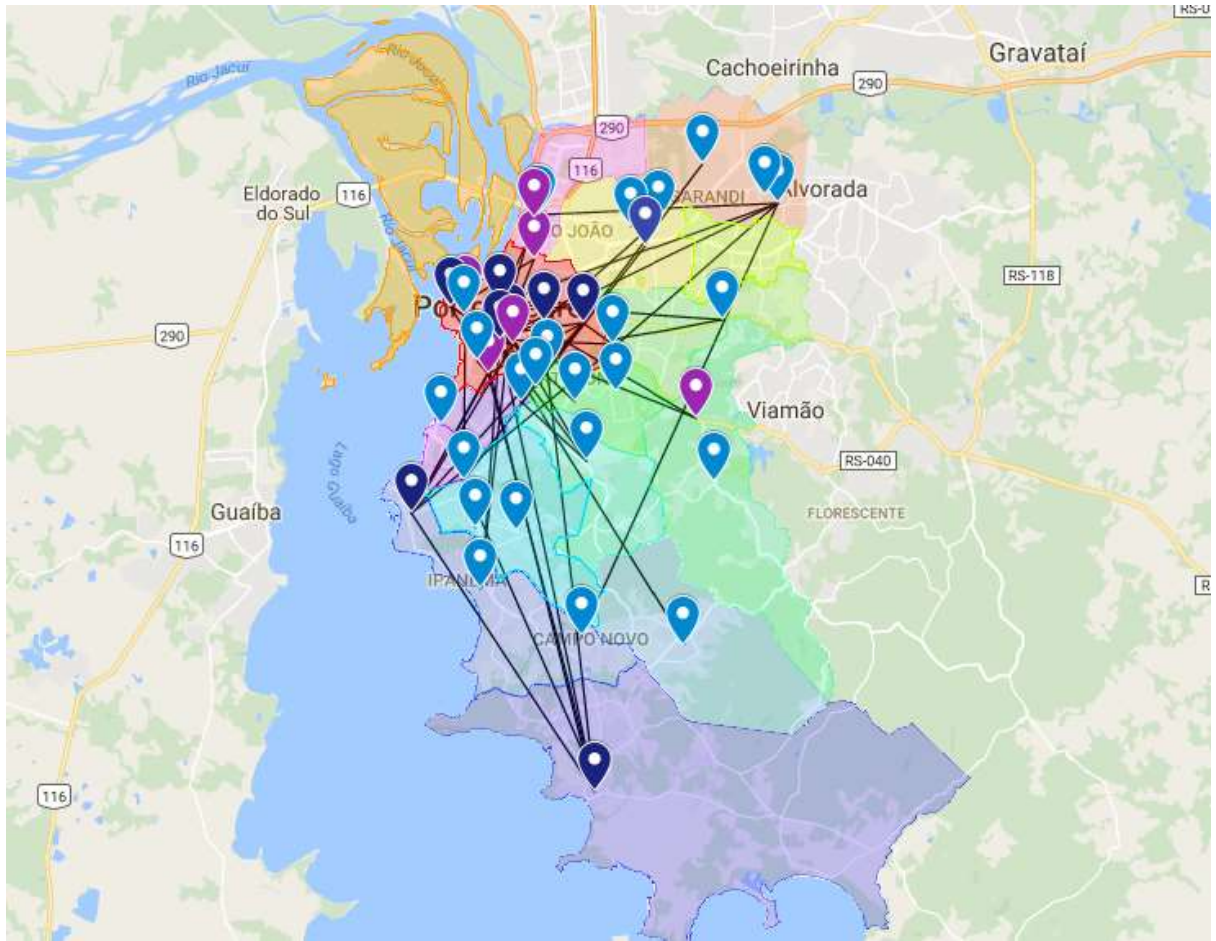


Figura 4: Mapa das escolas ocupadas nas regiões de Porto Alegre.

Fonte: Dados da pesquisa inseridos no mapa do Observatório da cidade de Porto Alegre.

As diferentes cores dos pontos de demarcação das ocupações são relativas aos números de “curtidas” das páginas virtuais de cada escola. Os pontos em azul escuro (10) representam as escolas com maior número de “curtidas” (3788 - 1296), os pontos em roxo (6), as escolas que tiveram entre 1249 – 887 “curtidas”, e os pontos em azul claro (24) são as escolas em que menos de 806 pessoas “curtiram” suas páginas. A ocupação com maior número de pessoas que “curtiram” a página foi a do CE Protásio Alves (3788), seguida do CE Júlio de Castilhos (3560) e da EEEM Padre Réus (3168). As escolas ocupadas estão mais ou menos bem espalhadas no território da cidade, ocupando diferentes regiões, porém percebe-se que as escolas com maior visibilidade nesses espaços virtuais são escolas da região central. O fato da concentração urbana ser maior nestas áreas e o acesso a estes locais ser mais fácil, podem tornar estas escolas mais conhecidas.

As linhas entre as ocupações correspondem a todas as publicações que relacionam uma escola à outra. Nos compartilhamentos entre as páginas de ocupação há pedidos de alimentos, esclarecimentos sobre fatos ocorridos em algumas ocupações, doações de alimentos de uma

escola ocupada para outra, manifestações na rua com estudantes de diferentes escolas, reuniões e visitas entre ocupações e divulgação de novas escolas que aderem ao movimento ao longo do processo.

Observa-se que as escolas mais visibilizadas no Facebook eram escolas de regiões centrais da cidade, porém o número de compartilhamentos divulgando as redes entre si fortalece algumas escolas mais periféricas e pode ser o motivo de escolas como o CE Glicério Alves, no extremo da zona sul de Porto Alegre (região em roxo no mapa), ter sido bastante visibilizada pelos usuários da rede virtual. O fato das ocupações divulgarem nas redes suas atividades facilita que pessoas de diferentes regiões possam saber os acontecimentos e também visitar e participar das atividades proporcionadas pelas escolas ocupadas. Outra escola da região periférica, a EEEM Santa Rosa, na zona norte da cidade, no limite com o município de Alvorada, também estabelece diversas relações com outras escolas no espaço virtual. Uma das relações estabelecidas foi uma doação de alimentos feita por uma das escolas do centro da cidade.

Nesta categoria a maioria das relações entre as ocupações existe somente no espaço virtual, porém há 6 publicações que relatam visitas entre as escolas, sendo que 3 foram visitas de escolas periféricas a escolas centrais, precursoras no movimento de ocupação. Foram observadas nas páginas 4 relatos de doações de alimentos entre as ocupações, com 2 doações feitas por escolas da região central para localidades mais afastadas. A ocupação do CE Júlio de Castilhos, uma das escolas da região central, apresentou um total de 16 publicações da categoria “Relações entre as escolas”. A página no Facebook desta ocupação tinha uma visualização grande de pessoas, com 3560 pessoas que “curtiram” a página. Assim como esta, outras escolas com um maior número de “curtidas” na página virtual foram as precursoras das ocupações em Porto Alegre, como as escolas EEEM Protásio Alves (3788) e CE Paula Soares (1296), no centro, EEEM Padre Réus (3168), na zona sul e a EEEM Agrônomo Pedro Pereira (1219) na zona leste.

A escola Emílio Massot, primeira escola a ser ocupada, e foi a que mais compartilhou páginas das outras escolas. Foram 27 publicações, o que significa cerca de um quarto das publicações totais desta categoria. A escola, ao iniciar o movimento, contribuiu para estimular as outras escolas. Para este coletivo, apoiar as outras ocupações favorece o fortalecimento da própria unidade desta escola. A própria auto afirmação em atos colaborativos não é individualista, pois carrega o caráter de beneficiar o colaborador e o receptor do apoio (KROPOTKIN, 2009). São relações mútuas, em que a prática de auxiliar outras escolas traz

benefícios para ambos. Todas pessoas que apoiam o movimento através das redes sociais, passam a ter conhecimento das novas escolas ocupadas por meio da divulgação entre os coletivos.

Em uma das publicações desta categoria, a ocupação da escola Padre Réus fez uma publicação pedindo doações para a única escola ocupada de Porto Alegre que não tinha página, o CE Santos Dumont. Essa publicação apresentou o maior número de “curtidas” (187) e compartilhamentos (36) quando comparada com todas as publicações dentro da categoria de relações entre escolas. O espaço virtual permite essa “viralização” das informações gere muitos benefícios para os movimentos de colaboração.

O coletivo inteligente formado a partir das redes sociais, perpassa os limites geográficos, e desconstrói o que se conhece por espaços escolares. O que antes eram relações de saber em salas de aula, nestas ocupações passam a ser entre as escolas, entre os estudantes e a comunidade que tem o interesse de realizar essas trocas de saberes. Abrange-se uma quantidade muito maior e diversa de saberes, novos tipos de conhecimentos surgem, e conseqüentemente as pessoas se tornam mais abertas a recebê-los.

O começo e o fim

As primeiras publicações das páginas das ocupações são fotos dos alunos ou cartazes pendurados nas escolas, utilizadas para ser a foto principal da página. Nessas publicações alguns coletivos já iniciam a página esclarecendo o movimento e explicando as reivindicações, sendo que 10 destas escolas tem a publicação inicial com o maior número de “curtidas” em comparação com as outras publicações da página. Textos mais explicativos, com a característica de conversação direta com a comunidade virtual acontecem também nas publicações finais, que indicam o fim da ocupação.

O movimento de desocupação se inicia após a ocupação da Assembleia Legislativa, quando uma proposta feita pelo governo é aceita por uma parcela de estudantes envolvidos na ocupação. A negociação foi realizada em uma reunião com estudantes que, em sua maioria, estão ligados a entidades e movimentos estudantis. Após esse acordo, realizado no dia 14 de junho, os coletivos de algumas ocupações se manifestam, por meio das páginas virtuais, contrários ao acordo feito. A partir disso, surgem publicações que declaram haver divergências dentro do próprio movimento, pois o acordo não teria sido conversado entre as escolas. A rede social facilita que os coletivos possam esclarecer suas ideias, pois 13 escolas anunciaram em

suas páginas serem contra o acordo e não apoiar as entidades estudantis envolvidas. Esses espaços virtuais são um canal direto de comunicação, que garantem uma maior autenticidade dos conteúdos das informações (CASTELLS, 2013). Dentro deste contexto o Comitê das Escolas Independentes – CEI, grupo autônomo composto por estudantes secundaristas, buscou uma renegociação com o governo que considerasse algumas pautas importantes, como a não criminalização das manifestações estudantis.

Dentro da categoria de comunicados, 33 escolas avisam sobre o fim da ocupação, sendo que 24 delas têm a publicação de aviso de desocupação com o maior número de “curtidas” entre as categorias. Nestas páginas, 23 escolas ocupadas enfatizam a importância da integração do grupo durante o movimento e agradecem o apoio de todos que ajudaram de alguma maneira.

Gostaríamos de agradecer por todos os que nos apoiaram durante esses 36 dias, por todos os pais, professores e ex-alunos que estiveram do nosso lado, por todos que deram a cara a tapa e lutaram com a gente, por todas as doações, de alimento, de materiais de limpeza, de apoio jurídico ou até mesmo de tempo para "apenas" nos ouvir. Gostaríamos de agradecer por cada um que se propôs a realizar uma oficina na nossa ocupa e dizer que vocês foram muito importantes durante todo esse processo! Aprendemos muito nesses 36 dias, não foram apenas aulas de cidadania, matemática, química, história, teatro, música, e tantas outras oficiais que seria difícil listar todas aqui. Mas acima de tudo, aprendemos a ser cidadãos, que lutam pelos seus direitos e não tem medo do que possa acontecer. Conhecemos pessoas e fizemos amizades que certamente durarão mais do que o simples ano letivo. 36 dias que não foram fáceis, mas não nos arrependemos de nada e sabemos que nossa luta é muito maior, porque além de lutarmos para nós, lutamos também para que as futuras gerações tenham uma educação digna e de qualidade, para que a escola prepare para a VIDA e não apenas para o vestibular. A nossa luta apenas começou.¹²

Como exposto no relato acima, os estudantes falam dos aprendizados que tiveram convivendo juntos e da importância de fortalecer as relações. Em algumas destas páginas, o aviso de ocupação relembra sobre a necessidade de seguir lutando por uma educação pública de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Mexer-se não é mais deslocar-se de um ponto a outro da superfície terrestre, mas atravessar universos de problemas, mundos vividos, paisagens dos sentidos” (LEVY, 2000, p.14). A quebra de fronteiras dos pensamentos, os deslocamentos possíveis a partir das redes sociais são ferramentas de empoderamento dos jovens enquanto sujeitos dos seus próprios

¹²Texto retirado da página da Ocupação Instituto de Educação. Disponível em: <https://www.facebook.com/OcupaIE/?fref=ts>. Publicado em 22 de junho de 2016. Acesso em 23 de novembro de 2016.

processos de formação. Os índices apresentados nas redes sociais destes movimentos revelam a quantidade de conectividades estabelecidas, conexões estas que vão além do espaço social, movendo os estudantes secundaristas tanto em seus espaços quanto em seus aprendizados.

As páginas das ocupações apresentam uma diversidade de conteúdo, todos com a proposta de interação entre a comunidade que ocupa o espaço escolar e os indivíduos que acessam a comunidade das redes sociais virtuais. Nestas páginas percebe-se um número expressivo de reações aos conteúdos publicados, por meio das “curtidas” e compartilhamentos.

O coletivo fortalece suas redes de apoio mútuo por meio das redes sociais. Percebe-se aí uma interação muito além da escola tradicional. Esses coletivos, ao divulgarem suas atividades nas redes sociais, passam a interagir com as demais pessoas da comunidade que se sensibilizam e se mobilizam pelas mesmas lutas. Assim o espaço da ocupação é movido por diversidades sociais e culturais, que se encontram no espaço escolar e nos espaços virtuais, trocando e valorizando suas diferenças. Essa construção que ocorre em tempo real, constantemente renovada, permite que a manifestação do coletivo venha a formar saberes únicos, que só existem pela desenvolvimento da inteligência coletiva.

Nas ocupações, os estudantes buscam por pessoas dispostas a ensinar algo, e muitos destes contatos acontecem pelas comunidades virtuais. Não só pedidos por oficinas acontecem nestes espaços, mas também as divulgações destas atividades, com fotos dos participantes. Sendo assim, o ciberespaço proporciona uma maior difusão das mensagens. Na maioria das publicações, os pedidos feitos pelo coletivo das ocupações são bastante difundidos, pois são as publicações mais compartilhadas. Assim são estabelecidas as conectividades em rede, que espalham informações, que reformulam as relações de aprendizado (LEVY; AUTHIER, 1995). O espaço virtual, defendido por algumas pessoas como um território que substitui o espaço e as interações sociais, para estas ocupações, se constitui como um espaço complementar, que fortalece novas relações sociais e incentiva os movimentos urbanos (CASTELLS, 2013).

Percebemos que as relações entre as escolas ocupadas em muitas publicações são tentativas de ajudar uns aos outros. Escolas que iniciaram o movimento de ocupação, como o CE Emílio Massot, bem como escolas mais centrais, apresentam maiores números de publicações relacionadas a outras escolas ocupadas. Isso indica que algumas ocupações aproveitam sua maior visibilidade na rede virtual para divulgar os outros coletivos que, muitas vezes, pela localização geográfica, de difícil acesso para a população central, tornam-se menos conhecidos. Em comunidades virtuais, é pela autonomia e correspondência mútuas que os

indivíduos exploram diferentes perspectivas e habilidades para a construção de uma identidade comum (PALLOFF; PRATT, 2002).

Tanto o movimento de ocupação quanto a utilização das redes virtuais são espaços que permitem a reinvenção das relações no espaço escolar e na forma de viver em sociedade. A valorização de todas as formas de inteligência, por meio da aceitação do outro, junto com a autonomia e liberdade destes espaços, estabelece comunidades horizontais, que se constroem e reconstroem constantemente como indivíduos e como grupo. O coletivo passa a adquirir uma nova consciência, que surge através das conectividades em rede que estimulam a troca de saberes. “Esses movimentos são poderosos pela suas relações horizontais, como multidão, e sua insistência na democracia em todos os níveis é mais do que uma virtude, mas uma chave para o seu poder” (HARDT; NEGRI, 2014, p.142).

REFERÊNCIAS

- BETANCOURT, Arnobio M. **El Taller Educativo**. Santafé de Bogotá: Secretaría del Convenio Andrés Bello, 1991.
- BRASIL, Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – INEP. Censo Educacional, 2015. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/17QNE>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **População estimada em 2016**. Porto Alegre, 2016.
- CAMPOS, Antonia M; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de Luta** – Coleção Baderna. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2016. p.352.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1. ed. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. p. 271
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. p. 325.
- FEDOZZI, Luciano. **Esfera pública e cidadania: a experiência do Orçamento Participativo de Porto Alegre**. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 19, nº 2, p. 236 – 271, 1998.
- FIGUEIREDO, Nébia Maria. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007. p. 256.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Isto não é um manifesto**. 1. ed. Tradução: Carlos Szlak. São Paulo: n-1 edições, 2014. p. 144.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 212.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 264.
- LÉVY, Pierre e AUTHIER, Michel. **As árvores do conhecimento**. 1. ed. São Paulo: Ed. Escuta, 1995. p.188.
- KROPOTKIN, Piotr, 1842, 1921. **Apoio Mútuo: um fator de evolução**. Tradução Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009. p. 271.
- MUSSOI, Eunice Maria; FLORES, Maria Lúcia; BEHAR, Patrícia Alejandra. **Comunidades Virtuais: Um novo espaço de aprendizagem**. Novas Tecnologias de Educação. CINTED - UFRGS. Porto Alegre, v. 5, nº 1, julho 2007.
- PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço: estratégias eficientes para salas de aula on-line**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 248.
- PELBART, Peter. **Carta aberta aos secundaristas**. São Paulo, p.7, abr. 2016. Disponível em: <https://groups.google.com/forum/#!topic/gtfilosofar/fpMwIR76LK8>. Acesso em 24 de novembro de 2016.

Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico e Orçamento. Mapa das regiões do Orçamento Participativo de Porto Alegre, 2016. Disponível em: http://observapoa.com.br/default.php?p_secao=46. Acesso em 30 de outubro de 2016.

SAKAMOTO, L. et al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 95 – 100.